

ESQUERDA EM MOVIMENTO: ESTUDANTES EM LUTA NA RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR (1964/1968)

Autor: Rebeca do Nascimento Coelho¹

Instituição de Origem: Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Em sua história o movimento estudantil teve uma estreita ligação com os partidos/organizações de esquerda. É esse aspecto que essa pesquisa buscou compreender, focando o Estado do Ceará nos anos de 1964 a 1968. A ditadura militar, iniciada em 1964 marcou o movimento estudantil no Brasil, caracterizando-o por sua resistência ao golpe. Os estudantes destacaram-se em várias organizações de esquerda, representando expressivo número dos quadros de militantes. As atividades de oposição ao governo militar mais comuns eram as passeatas, os comícios-relâmpagos, as panfletagens e as pichações.

Palavras-chave: Esquerda; Movimento estudantil; Ditadura Militar;

INTRODUÇÃO

*“Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera, enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada...”
Gonzaguinha*

A presente pesquisa enfoca o movimento estudantil durante os anos de 1964 a 1968, ressaltando sua relação com as organizações de esquerda atuantes nesse período. A escolha desse recorte temporal dá-se por conta de que, em 1964, inicia-se o regime militar no Brasil se estendendo por 21 anos. Em 1968, houve o acirramento das lutas estudantis contra o regime autoritário vigente no País.

Esse artigo resulta da pesquisa oriunda da minha monografia apresentada em 2009 ao

Departamento de Ciências Sociais - UFC. Para tal, foram entrevistados nove ex-integrantes do movimento estudantil, escolhidos por terem se destacado e ocupado cargos de direção em entidades estudantis e organizações de esquerda, ou seja, que exerceram liderança. Entendo que esses sujeitos podem apresentar uma visão mais ampla e conjunta do movimento, pois estavam diretamente envolvidos com a realização das atividades e seus direcionamentos.

Cardoso (2001) enumera os principais acontecimentos ocorridos em 1968 no Brasil e em outros países. No âmbito internacional, destacaram-se “revoltas” estudantis em vários locais, como o 'Maio de 1968' na França, que repercutiu no Brasil; os protestos dos negros e dos estudantes nos Estados Unidos; a luta dos vietnamitas (a ofensiva do Tet - Ano Novo Lunar vietnamita – que culminou com o ataque à embaixada norte-americana em Saigon – capital do então Vietnã do Sul - pelos vietcongues, guerrilheiros sul-vietnamitas, apoiados pelo Vietnã do Norte durante a Guerra do Vietnã); a Primavera de Praga (mudanças políticas e econômicas na antiga Tchecoslováquia, liderada por Alexander Dubcek, que tentavam descentralizar o poder e aumentar a liberdade no país sob forte influência da União Soviética, gerou uma série de conflitos). Tais acontecimentos são, entre outros, alguns exemplos da agitação ocorrida naquele ano.

No Brasil, a autora destaca a luta do movimento estudantil pela reforma universitária que não se limitou às universidades, com manifestações, principalmente passeatas, em várias cidades; efervescência cultural como, por exemplo, o surgimento do Tropicalismo, os festivais de música popular, os teatros Oficina e Arena; o aumento da repressão militar, com a decretação, em dezembro de 1968, do Ato Institucional nº 5 (que colocou em recesso o Congresso Nacional e as Assembléias Legislativas dos Estados, cassou mandatos políticos por tempo indeterminado, extinguiu o *habeas corpus* para indiciados na Lei de Segurança Nacional, radicalizou a censura aos meios de comunicação, entre outras medidas). A partir de 1968, ocorreu maior envolvimento de estudantes nas lutas urbanas nos grandes centros do País; cresceram os assassinatos de estudantes por agentes da ditadura; houve a tentativa e/ou implantação de guerrilhas rurais.

Para Ridenti (1993), a participação de estudantes em organizações de esquerda não pode ser interpretada apenas como fruto da atuação de uma classe média viável. O movimento estudantil e suas ambivalências não devem ser entendidos somente a partir das condições econômicas, o estudante, constitui-se como indicativo das contradições das sociedades de classe.

MOVIMENTO ESTUDANTIL E A ESQUERDA ANTES DO GOLPE MILITAR 1964

A década de 1960 foi um momento bastante significativo do movimento estudantil (doravante ME), com várias manifestações políticas, sobretudo passeatas e greves estudantis. As chamadas reformas de base, propostas no governo João Goulart, mobilizaram os estudantes no País durante aquele período. Segundo Marieta de Moraes Ferreira, do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil):

Sob essa ampla denominação reformas de base estava reunido um conjunto de iniciativas: as reformas bancária, fiscal, urbana, administrativa, agrária e universitária. Sustentava-se ainda a necessidade de estender o direito de voto aos analfabetos e às patentes subalternas das forças armadas, como marinheiros e os sargentos, e defendia-se medidas nacionalistas prevendo uma intervenção mais ampla do Estado na vida econômica e um maior controle dos investimentos estrangeiros no país, mediante a regulamentação das remessas de lucros para o exterior.²

Os principais grupos atuantes de esquerda no movimento estudantil no Ceará no período anterior à ditadura militar eram: o Partido Comunista Brasileiro (PCB); os grupos JEC (Juventude Estudantil Católica), que atuava entre os secundaristas e JUC (Juventude Universitária Católica), ambos pertencentes à Ação Católica Brasileira (ACB)³. Setores expressivos da JEC e da JUC formariam, posteriormente, a organização Ação Popular (AP), que teve muita importância no movimento estudantil no período anterior e posterior ao golpe militar de 1964.

O conceito de esquerda será compreendido nos termos que aponta Gorender (1998):

[...] conceito referencial de movimento e idéias endereçados ao projeto de transformação social em benefício das classes oprimidas e exploradas. Os diferentes graus, caminhos e formas dessa transformação social pluralizam a esquerda e fazem dela um espectro de cores e matizes. (p. 11)

Os conceitos de direita e esquerda são apresentados por Bresser (2006) na seguinte afirmação:

A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo, enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça — ou em nome da justiça e da proteção ambiental, que só na segunda metade do século XX assumiu estatuto de objetivo político fundamental das sociedades modernas.

É nesse sentido que entendo a posição das organizações de esquerda apresentadas nessa pesquisa. Questionar a estrutura social e transformá-la, eram as prioridades desses grupos que como afirma Gorender possuíam suas diferenciações e mesmo seus limites.

Pode-se perceber esse posicionamento da esquerda, por exemplo, no Programa de Setembro de 1945 do PCB em que se afirma:

O Partido Comunista Brasileiro, partido da classe operária composto principalmente de trabalhadores, luta pela conquista da completa emancipação econômica, política e social do Brasil. Por conseguir para o povo as garantias da mais ampla e efetiva democracia; por melhorar as condições de vida, trabalho e cultura da classe operária e toda a população

laboriosa, até chegar a abolir todas as formas de exploração e opressão. (CHACON, 1985, p. 343).

Portanto, percebe-se que a defesa da transformação social fazia parte dos debates, programas e ações das organizações de esquerda anteriormente e posteriormente ao golpe militar, como será visto adiante.

A luta pela reforma universitária no Brasil, que também era umas das pautas das reformas de base, foi outra forte temática do ME e teve sua maior expressão na “Greve do 1/3”. Decretada em junho de 1962, ficou assim conhecida pois reivindicava a participação de 1/3 dos estudantes nos conselhos universitários. A greve terminou com vitórias parciais, mas foi considerada importante pelos estudantes por defender a democratização das universidades e fortalecer grupos progressistas no ME⁴.

Ramalho (2002) ressalta e narra os acontecimentos que levaram à “Greve do 1/3” no Ceará que apresentou particularidades em relação aos outros estados. Uma delas: foi decretada antes da greve nacional comandada pela UNE (União Nacional dos Estudantes).

Em 1962, o DCE (Diretório Central dos Estudantes) da UFC enviou ao Conselho Universitário um Memorial em que afirma:

O mínimo aceitável pela classe, como garantia daquela participação efetiva, é a representação de um terço do total de todos os órgãos colegiados da Universidade. Vossa Magnificência e o corpo docente por certo compreenderão, com isto, que nós já transigimos ao máximo, poupando-nos o constrangimento de examinar qualquer contra-proposta, desde já inaceitável. Esperamos que Vossa Magnificência e o Conselho Universitário compreenderão que nós estamos renunciando a um direito e não mascateando uma reivindicação. É o máximo que nos é lícito transigir, sob pena de traição à classe universitária. (CONSUNI apud RAMALHO, 2002, p. 122)

Diante da ausência de resposta da UFC à sua reivindicação o DCE enviou um ultimato ao Conselho Universitário estipulando um prazo final para resposta do Reitor, este respondeu que a exigência relacionava-se à reforma do Estatuto da Universidade, portanto não poderia ser resolvido imediatamente. Diante de tal argumento o DCE decidiu pela greve geral, que contou com apoio do Pacto da Unidade Sindical, da Aliança Operária Estudantil Camponesa e da UEE (União Estadual dos Estudantes). Durante a greve foram realizadas passeatas no centro da cidade, além de assembleias, debates, conferências e shows na Concha Acústica.

A greve findou sem que as propostas fossem aceitas pela maioria das universidades, mas foi considerada bastante significativa pelos estudantes, pois conseguiu levantar as discussões sobre a reforma universitária para além das fronteiras acadêmicas.

A ditadura militar viria a marcar profundamente o ME da década de 60, uma vez que suas atividades caracterizaram-se pela resistência ao autoritarismo. Temáticas como as da Reformas de Base

e reforma universitária foram suplantadas por outras mais urgentes, como a derrubada de um governo autoritário e a instalação de um novo sistema econômico, o socialismo. Farias (2007) ressalta que as notícias do golpe militar chegaram a Fortaleza ainda no dia 31 de março de 1964, no dia seguinte, começaram as primeiras atividades de resistência ou apoio por parte de estudantes e setores trabalhistas.

Ramalho (2002) narra as primeiras mobilizações estudantis contra o golpe no dia 1º de abril em Fortaleza, umas das deliberações: foi iniciada uma greve dos estudantes liderada pela UNE. Os estudantes do colégio Filgueiras Lima realizaram passeata até o Clube dos Estudantes Universitários (CEU), de lá os estudantes seguiram até a Praça José de Alencar, onde foram lançadas palavras de ordem contra o golpe. A manifestação continuou até a chegada do Exército, que obrigou os estudantes a se esconderem na Escola de Odontologia, de onde começaram a fugir antes da entrada do Exército. Quando este começou a invadir encontrou no recinto universitário somente 12 estudantes que foram identificados e liberados.

Trabalhadores do porto do Mucuripe, da Rede Ferroviária e do Departamento de Telégrafos e Correios iniciaram greves, dissolvidas pelos militares. A Rádio Dragão do Mar foi fechada; a sede da FALTAC (Federação das Associações de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará) saqueada pelo Exército e a sede do PCB - ou Escritório 25 de Março - praticamente destruída.

Empresários, os dois maiores jornais em circulação no Estado (“O Povo” e “Correio do Ceará”), religiosos e alguns segmentos da classe média apoiaram o recente golpe. Houve as primeiras cassações de vereadores e deputados cearenses ditos subversivos.

No dia 16 de abril, ocorreu em Fortaleza a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, uma homenagem à atuação das Forças Armadas e ao “novo” governo. O jornal “Correio do Ceará” estimou a presença de 70 mil pessoas, o que Farias (2007) considera um dado exagerado. O autor ressalta que esse número elevado divulgado pela imprensa poderia ser um meio de querer demonstrar o quanto estava sendo bem recebidas pela população cearense as recentes ações do militares e seus apoiadores.

MOVIMENTO ESTUDANTIL E A ESQUERDA APÓS O GOLPE MILITAR 1964/68

As principais tendências políticas de esquerda após o golpe militar no movimento estudantil eram PORT (Partido Operário Revolucionário Trotskista), AP (Ação Popular) e PCdoB (Partido Comunista do Brasil)⁵. Farias (2007) cita também as organizações guerrilheiras ALN e PCBR. Essas duas últimas defendiam a luta armada imediata como forma de resistência à ditadura militar. Ressalto que algumas dessas organizações como PORT, AP e PCdoB surgiram no período anterior à ditadura militar, porém suas atividades destacaram-se principalmente após o golpe; ALN e PCBR surgiram entre 1967 e 1968.

Uma das discussões que marcaram os partidos/organizações de esquerda durante a ditadura militar foi a defesa ou não da teoria que ficou conhecida como foquismo.

De acordo com Gorender (1998), a teoria do foco era baseada principalmente nos textos de

Ernesto Che Guevara, *A Guerra de guerrilhas* (1960) e de Regis Debray, *Revolução na revolução?* (1967). Para tais autores, baseados no marxismo, as condições objetivas para a realização da revolução socialista nos países da América Latina já existiriam. A consolidação das condições subjetivas (o desejo de realizar a revolução pelos setores sociais que por ela seriam beneficiados) seria conseguido através da ação do foco guerrilheiro.

O foco consistia em um grupo de militantes que entrariam em contato com camponeses que se agregariam aos guerrilheiros, em uma região de difícil acesso, geralmente nas montanhas. Depois dessa etapa, colunas guerrilheiras saíam da região inicial, implantando a luta armada até o combate final com o Exército de onde pretendiam sair vitoriosos. O foquismo ficou conhecido com a Revolução Cubana que a teria posto em prática.

Porém, Jacob Gorender discorda, afirmando: “o pequeno grupo comandado por Fidel Castro em nenhum aspecto corresponde à idéia do foco” (Op. Cit. p. 90), porque para ele já havia um movimento nacional contrário à ditadura de Fulgêncio Batista.

A novidade do foquismo, para o autor citado, foi priorizar o fator militar em lugar do político, pois seus adeptos consideravam haver uma excessiva burocracia e corrupção em alguns partidos comunistas. O foco guerrilheiro seria o responsável pela condução da luta armada, não o partido.

MANIFESTAÇÕES ESTUDANTIS DE RESISTÊNCIA

Martins Filho (1987) destaca dois eixos centrais das atividades do ME em 1968: a luta contra a ditadura e a campanha pela transformação da universidade. A expressão desses dois eixos deu-se principalmente através da realização e organização das passeatas, pichações, comícios-relâmpagos e panfletagens.

As passeatas eram organizadas nos DA's das faculdades, no DCE e no CEU. Ali os estudantes fabricavam os cartazes, os chamados pirulitos. Nas palavras de Helena Serra Azul: “eram aqueles cartazes com o pauzinho no meio. Dois cartazes grandes com pauzinho no meio”. Havia a elaboração das palavras de ordem: “povo unido jamais será vencido”, “o povo na luta derruba a Ditadura”, “o povo armado derruba a Ditadura”.

A organização dessas passeatas muitas vezes entrava “noite adentro”. Os estudantes compravam spray para colocar dizeres nas faixas. No dia das passeatas colocavam as faixas grandes pelo lado de fora dos ônibus. Representavam uma forma de sair de dentro da universidade, de fazer a denúncia, de mostrar os problemas enfrentados pelos estudantes, e claro, de demonstrar o repúdio ao regime militar, exigir democracia, liberdade. Além de se caracterizarem, segundo os militantes, como uma festa, uma animação.

Essa manifestação tinha como perspectiva a construção da luta contra a ditadura, mas apresentavam-se particularidades e tensões entre as organizações. Maia Júnior (2002) ressalta essas diferenças, o PCdoB defendia a frente ampla, com grandes alianças, os trotskistas defendiam o trabalho com as massas, a AP a ida para as ruas como principal forma de reivindicação, Helena Serra Azul, ex-

militante da AP, confirma “a gente aqui era doido por passeata”.

As “Passeatas dos bichos” eram desfiles de apresentação dos calouros à cidade, Maia Júnior (2002) as considera ritos de passagem, nas quais ocorreram, sobretudo, a denúncia à população do regime militar e do imperialismo. Essas passeatas, segundo o autor, eram marcadas pelas seguintes características: lugar da disputa, lugar do enfrentamento, lugar da representatividade. Havia curso carnavalesco, humor político, carnavalização do protesto, como meio de divulgação das reivindicações estudantis.

Em junho de 1968, ocorreu em Fortaleza a Passeata dos Vinte Mil, na qual compareceram além de estudantes, padres, mães, deputados do MDB (Movimento Democrático Brasileiro, considerada a oposição consentida a ARENA – Aliança Renovadora Nacional – partido dos militares), operários e populares.

Houve uma evolução dessas atividades com o decorrer dos governos militares e o aumento da repressão. O enfrentamento entre estudantes e policiais tornou-se mais intenso, com o uso das bombas molotov que eram lançadas contra os policiais.

Os comícios, na maioria das vezes relâmpagos, podiam ocorrer em uma passeata ou isoladamente. Em entrevistas realizadas por mim, ex-militantes contam como eram organizados. Rosa da Fonseca explica:

A gente marcava de se encontrar tal hora na praça José de Alencar, um subia em um banco e começava a fazer o discurso, outros chegavam junto e começavam a puxar palavras de ordem, aí lá vinha polícia e começava a correr todo mundo.

Um caso interessante foi narrado por Francis Vale, que demonstra a coragem dos militantes:

Tinha um pessoal que fazia comício relâmpago nos ônibus convocando o pessoal para ir para as passeatas e nesse meio tinha os que sabiam bater. Tem um caso que uma vez nesses comícios relâmpagos, o Fabiani Cunha (ex-militante da ALN) que era da faculdade de Direito, lutador, foi fazer um desses comícios, ele vinha no ônibus e tinha um major e deu voz de prisão a ele. Ele segurou no apoio do ônibus e meteu o pé no major e fugiu.

As panfletagens ocorriam com maior frequência onde hoje se situa o shopping Benfica, local de parada de ônibus, onde desde essa época havia grande movimentação de pessoas. Os estudantes saíam do CEU (Clube dos Estudantes Universitários) que ficava nas proximidades e iam “panfletar” na Avenida Carapinima.

Ocorreu em 1º de abril de 1968 em Fortaleza, uma manifestação que resultou na depredação do USIS (United States Information Service), em repúdio ao assassinato do estudante secundarista Édson Luís, por policiais no restaurante Calabouço, em 28 de março desse ano, no Rio de Janeiro.

De acordo com pesquisa de Maia Júnior (2002) há duas versões sobre o fato: foi uma ação espontânea, não planejada anteriormente. O USIS era um órgão de intercâmbio entre os EUA e o Brasil.

Havia um sentimento antiimperialista entre os militantes e estes teriam decidido de forma espontânea depredar a sede do USIS. Mas também afirma-se, entre ex-militantes, que o evento foi uma ação deliberada e previamente decidida principalmente entre militantes do PCdoB. Tal decisão teria sido levada ao conhecimento do DCE: a ação seria realizada em um dia decisivo, o aniversário do golpe militar e poucos dias após a morte de Édson Luís. E exigia-se, portanto, uma radicalização do movimento.

A depredação da sede do USIS consta no livro “Perfil dos Atingidos”, que reúne processos instaurados em decorrência da resistência à ditadura militar. De acordo com o livro, foram processados o professor Juracy Mendes de Oliveira e o estudante Antônio de Matos Brito que, segundo os autos do processo, teriam conduzido uma bandeira do Vietnã e liderado o quebra-quebra com tentativa de incendiar a sede do órgão. O inquérito aos denunciados foi instaurado no mesmo dia da ação. Em 1969, ambos foram condenados a dois anos e seis meses de prisão e tiveram os direitos políticos suspensos por cinco anos.

Nas principais atividades do ME, percebemos as rupturas com os costumes da época como, por exemplo, a participação das moças nessas atividades. As pichações eram atividades consideradas de risco, pois se exigia saídas noturnas. Ao contrário das passeatas, que, no início do regime militar ocorriam com autorização da polícia, as pichações não eram admitidas da mesma forma.

Após 13 de dezembro de 1968, com o endurecimento do regime militar, manifestado através de várias ações institucionais (AI-5, Decreto 477) é considerado por muitos pesquisadores e pelos próprios militantes que houve uma derrotada das esquerdas e desarticulação e crise do ME. No entanto, outras formas de combate ao governo militar foram desenvolvidas. Houve, nesse período, o advento da luta armada, protagonizada por organizações de esquerdas que perceberam essa perspectiva como meio principal e eficaz de resistência ao regime militar. Ações como seqüestros de personalidades políticas e expropriações aos bancos foram realizadas com o intuito de obter a liberdade de presos políticos e a arrecadação de dinheiro para a execução de tais atividades. Ações armadas foram realizadas em vários estados brasileiros, inclusive no Ceará.

A guerrilha rural também foi percebida como forma de combate admitida nesse período. A Guerrilha do Araguaia, iniciada em 1972, tornou-se a mais conhecida. A maioria de seus integrantes, muitos deles oriundos do ME, foram assassinados em conflito com o Exército em 1974, muitos continuam desaparecidos até o momento. Além dos guerrilheiros do Araguaia, outros que optaram por resistir à ditadura militar, através da luta armada ou não, também morreram em confronto com policiais, torturas ou encontram-se desaparecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento estudantil, durante os anos da ditadura militar, tem sido bastante pesquisado nas Ciências Humanas e há livros, ensaios e trabalhos acadêmicos que procuram mostrar sua importância histórica, seus limites, utopias e inovações nos comportamentos culturais e políticos da época. O

questionamento maior dessa pesquisa esteve em torno da relação de convergência do movimento estudantil da década de 1960 e a esquerda, considerada como movimento que visava a transformação social.

Pesquisas afirmam que esse engajamento entre esquerda e ME ocorreu em momentos anterior e posterior ao estudado nessa pesquisa. Uma evidência disto está no fato de que a UNE teve, em sua maioria, presidentes e diretores pertencentes a grupos de esquerda (POERNER, 1979). A compreensão da relação entre organizações estudantis e organizações de esquerda na década de 1960 pode ser tentada tendo-se como parâmetro a noção weberiana de *afinidade eletiva*. Diversos fatores convergiram para que, no Brasil, ambas formassem uma resistência ao regime militar.

Entre esses fatores, ao observarmos as razões de ingresso no ME e em organizações de esquerda dos ex-militantes entrevistados nessa pesquisa, percebe-se uma série de preocupações e motivações desses militantes referentes aos debates existentes entre os grupos de esquerda, por exemplo, a importância do nacionalismo e resistência ao imperialismo norte-americano, a defesa da realização de reformas na sociedade, a convergência do humanismo cristão e questões de transformação social (representado pela Ação Popular, organização oriunda da Igreja Católica que exerceu grande liderança no ME no Brasil). Pode-se, portanto, constatar convergências entre os anseios dessa juventude que ingressou no ME e os debates que fervilhavam entre as organizações de esquerda do período. Como dito nas entrevistas, as leituras faziam parte do rol de atividades dos militantes, literatura, os livros de Karl Marx, Trotsky, Lênin entre outros contribuíram para esse conhecimento.

Existia no interior do ME utopias, nem sempre precisas e consistentes, como é próprio das utopias. As lutas políticas organizadas estavam orientadas para a transformação da sociedade, Estado e do governo fundidas nos ideais de solidariedade, justiça, liberdade, impossíveis de se concretizarem em uma ordem autoritária.

É fácil perceber os limites de tal utopia. As próprias ações do ME voltaram-se mais claramente no sentido de contribuir para a derrubada da ditadura militar, de denunciar os abusos desse governo, a falta de liberdades democráticas, as desigualdades sociais, as falhas do ensino brasileiro. O fim daquele governo tornou-se a causa maior das lutas, mesmo que estivessem presentes nas manifestações uma ideologia anti-imperialista e a defesa de implantação do socialismo. No entanto, em virtude de ser uma causa mais urgente e visível e sobretudo tangível, a resistência à ditadura militar firmou-se como meta preponderante de luta.

O Governo brasileiro, em 2009, promoveu uma série de propagandas divulgando a existência de desaparecidos políticos no País e solicitando ajuda no sentido de dar fim a busca dos familiares desses combatentes, resgatando seus restos mortais. O cearense Bergson Gurjão, que militou no ME, morto durante o massacre na Guerrilha do Araguaia, teve sua ossada reconhecida e devidamente sepultada. Ocorreram várias solenidades de homenagem ao ex-combatente na cidade de Fortaleza nas quais foi reconhecida sua atitude corajosa e de outros combatentes da Guerrilha e dos que lutaram contra a ditadura militar. Ressalta-se, nas propagandas do Governo Federal, também o intuito de resgatar a história do período da ditadura militar, com o apelo à população sobre a informação de

registros históricos do período.

A história do ME na década de 60, principalmente em 1968, é tema instigante para pesquisadores, uma vez que se trata de período muito rico em vivências políticas e de mudanças de comportamento entre a juventude brasileira. Passadas mais de quatro décadas o assunto continua a desafiar a interpretação de historiadores, sociólogos e de todos os que se dedicam a analisar os fatos recentes da história política brasileira. O assunto é, portanto, inesgotável e dele podem ser explorados vários aspectos: culturais, políticos e de gênero. Detive-me nesta pesquisa a mostrar a participação das organizações de esquerda no ME, fato significativo e preponderante quando alguém se reporta àquele período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, A.; LIMA, H. *História da Ação Popular: da JUC ao PCdoB*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984.
- CARDOSO, Irene. Os acontecimentos de 1968: notas para uma interpretação. In: _____. *Para uma crítica do presente*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2001.
- CHACON, Vamireh. *História dos Partidos Brasileiros: discurso e práxis dos seus programas*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- FARIAS, Airton de. *Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a Ditadura Militar (1968-72)*. Fortaleza: Livro Técnico, 2007.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- MAIA JÚNIOR, Edmilson Alves. *Memórias de lutas: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962 – 1969)*. 2002. 254f. (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceara, Fortaleza, 2002.
- MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar: 1964-68*. Campinas: Papirus, 1987.
- MITRAARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO. *Perfil dos Atingidos*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- POERNER, Artur José. *O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RAMALHO, Bráulio. O ME na fase posterior ao golpe. In: _____. *Foi assim! O movimento estudantil no Ceará de 1928 a 1968*. Rio de Janeiro - São Paulo - Fortaleza: ABC, 2002.
- _____. Questões fundamentais. In: _____. *Foi assim! O movimento estudantil no Ceará de 1928 a 1968*. Rio de Janeiro - São Paulo - Fortaleza: ABC, 2002.
- RIDENTI, Marcelo S. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

NOTAS

¹Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará

²Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/As_reformas_de_base.

³ Acesso em 15 de novembro de 2011.

⁴ RAMALHO, Braulio. Questões fundamentais. In: _____. **Foi assim!** O movimento estudantil no Ceará de 1928 a 1968. Rio de Janeiro - São Paulo - Fortaleza: ABC, 2002.

⁵ Arantes e Lima (1984)